

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Portocarrero)

1 - Qual o ambiente, no Brasil, em relação à II Guerra Mundial em 1939 e no início da década de 40?

R: O ambiente no Brasil era de nervosismo e grandes preocupações, dado às notícias tenebrosas transmitidas nos jornais da época e nas transmissões pelo rádio.

A população vivia amedrontada e assustada com boatos (dos 5ª colunas)

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2000
Virgínia Maria de Nemuzes Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército

Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

2 - Vivida essa 1ª Fase, que evoluiu para o estado de beligerância, como se processou a Organização da FEB, dando ensejo a um novo período?

R: Tínhamos como Presidente da República neste período o Dr. Getúlio Vargas, que com atitudes claras, altruísticas e patrióticas muito cooperou e prestigiou as Forças Armadas para organizarem a FEB.

Com o seu apoio, deu ensejo a um novo período.

Trouxe a segurança para o nosso país.

A população sentiu-se encorajada e se conscientizou que éramos um povo capaz de reações notáveis. As reações assumidas pelos nossos dirigentes, foram como um bálsamo, um alicerce, que fortaleceu a todos que ficaram confiantes nestes patrícios que seguiriam para desafrontar a nossa Pátria em terras estrangeiras.

Animados com a atitude das Forças Armadas, todos sentiram-se orgulhosos.

Não éramos filhos de terras medrosas e sim de um país de temperamento forte, de defesa e reação.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
A Capitão Enf. ^{RP} Ed. - 01271554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virginia Portocarrero)

3 – Como a Sra. se integrou a Força Expedicionária Brasileira e em que função?

R: Nos idos de 1942, muito embora aparentemente distantes dos campos de batalha da conflagração que então a humanidade envolveu, inúmeros foram os lares brasileiros que de sangue, dor e luto ficaram assolados.

Assim, não era apenas essa ou aquela região do país que sangrava, era a própria Pátria, que no todo chorava suas inocentes vítimas de impiedosos afundamentos de navios mercantes em nosso litoral.

Iam nossos bravos combatentes para regiões totalmente desconhecidas da quase totalidade e, mais ainda, participariam de momentos em combate dos mais difíceis, junto às tropas aliadas, onde por certo bem difícil seria o entendimento idiomático e de costumes.

O Jornal "O Globo" publicou o voluntariado. Me apresentei na Diretoria de Saúde do Exército, no Ministério da Guerra cumprindo todas as exigências.

Inscrita, começou o intensivo "Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército"(C.E.E.R.EX) no Rio de Janeiro, onde funcionou a 1ª turma, na Diretoria de Saúde do Exército, 2º andar do Ministério da Guerra sendo ministradas as aulas teóricas das disciplinas de Enfermagem, Regulamentos Militares, Regulamento de Continências e Sinais de Respeito.

Na Escola de Educação Física do Exército (Fortaleza de São João) foram ministradas: ginástica, Educação Física, Treinamento de Guerra, Natação e Ordem unida.

Era então, Diretor de Saúde do Exército o General Médico Dr. Affonso de Souza Ferreira e Diretor do Curso o Major médico Dr. Augusto Marques Torres.

Os estágios hospitalares, eram feitos diariamente no Hospital Central do Exército.

Vindas de diversos Estados como Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná e reunidas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, foram formadas outras turmas.

Somente foram consideradas aptas e embarcaram com a FEB, 67 enfermeiras, sendo 61 hospitalares e 6 especializadas em transporte aéreo, treinadas em Natal(Rio Grande do Norte) na Base da Força Aérea Brasileira, encarregadas da assistência entre Nápoles e os Estados Unidos.

Fomos então incorporadas ao efetivo da FEB como enfermeiras de 3ª classe e já uniformizadas, nos apresentamos ao General Marcarenhas de Moraes no Q.G/FEB e passamos a ter o treinamento de Ordem Unida no Colégio Militar. (Instrutor ^{M. 4157} Carlos Meira Mattos)

No Q.G. recebemos todas as vacinas necessárias e entramos, nas regalias de oficiais na rotina dos elementos febianos. Com a remuneração de 3º sargento; fomos incorporadas ao efetivo do Corpo Expedicionário então em formação, como enfermeiras de 3ª classe.

Nossos vencimentos foram divididos em 3 etapas; setecentos mil réis, que recebíamos normalmente; a mesma quantia destinada a uma pessoa da família, e igual quantia depositada no Banco do Brasil.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2000
Virginia Maria de Numeyes Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Portocarrero)

4 – Como foi a instrução ministrada às enfermeiras, que integraram a FEB, antes de embarcar para a Itália?

R: Respondida na 3

5 – A Sra. Chegou a participar, no Brasil, de algum exercício preparatório visando à Campanha que se avizinhava?

R: Sim – Forte São João, explanada na resp.2 e 3.

Formação como enfermeiras de 3ª classe.

Rio de Janeiro, 13.XII-2000

Virgínia Maria de Nemezer Portocarrero
Capitão Emp. Ref. Id. 01 291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Portocarrero)

6 - Qual a sua opinião sobre esse treinamento em relação ao emprego em campanha?

R: Embora tivesse sido um treinamento rápido (6 meses), em relação ao emprego em campanha, a minha opinião foi positiva, pois os exercícios praticados no curso, foram de grande utilidade postos em pratica; pois nos deram grande desembaraço de ação, nas mudanças de hospital, onde agimos com desembaraço e firmeza de atitudes, nos transportes, e nos desenvolveu grande resistência de ação.

Rio de Janeiro - 13.XII.2000
Capitão Emp. Ref. Id. 01291534-04
Virgínia Maria de Vianna Portocarrero

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Portocarrero)

7 - Como transcorreu o seu transporte para o TO?

R: A partida para a Itália foi feita obedecendo o maior sigilo. Três investidas foram programadas para finalmente embarcarmos. Cinco foram escolhidas para integrar o destacamento precursor: Antonietta Ferreira, Carmem Bebiano, Ignacia de Mello Braga, Elza Cansação Medeiros e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

Partimos na madrugada do dia 7 de julho de 1944, do Aeroporto Santos Dumond, comandadas pelo Major Médico, Dr. Ernestino Gomes de Oliveira com destino a Natal, Rio Grande do Norte, Base Aérea de Parnamirim. Permanecendo naquela base, e no dia seguinte no mesmo avião deixando ao longe o ultimo ponto brasileiro (ilha de Ascensão).

Costeando o litoral da África do Norte aterramos em diversas cidades, em bases americanas, pernoitando em algumas e em outras apenas para abastecer o avião.

Em Argel, tomamos conhecimento que iríamos servir nos hospitais americanos e a nossa permanência seria na Itália.

Em seguida embarcamos em um quadrimotor norte-americano, para fazermos a travessia do Mediterrâneo.

Chegando em Nápoles ao cair da tarde, foi muito difícil encontrarmos hospedagem.

Passamos a noite no hotel Terminus, que ficava bem próximo da baía de Nápoles.

Rio - 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emp. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

8^B - Como foi a continuação da preparação na Itália? Onde prestou seus serviços?

R: Senti bastante facilidade a me adaptar aos serviços exigidos nos hospitais americanos na Itália (Seção hospitalar brasileira). O comando brasileiro, sempre me deu apoio e senti na oficialidade que privei muita competência, respeito, e amizade

Conquistei no hospital, grandes amigos. Ainda no Brasil no dia da apresentação ao nosso brilhante chefe e comandante Gen. Mascarenhas de Moraes, senti grande confiança em suas palavras e me conscientizei que um distinto e excelente amigo iria nos dirigir. Suas palavras sinceras e amigas me deram a certeza de que nos conduziria com dignidade. Com efeito nele tivemos sempre a certeza do amigo certo, do brilhante chefe. O ~~Director de Saúde do Exército~~ ^{Dr. de Senna} o Cel. Emmanuel Marques Porto, amigo de meu pai, colega de minha mãe nos bancos escolares.

Competente, distinto em suas atitudes foi uma finura espetacular; no trato fidalgo, me ajudou a ter a certeza de estar defendida nas horas difíceis. Tive como chefe, nos hospitais em que servi, o Major Médico Dr. Ernestino Gomes de Oliveira. Competente, culto, com grande desenvoltura.

Em suas atitudes certas nos projetos ~~na~~ sempre em situação muito boa, diante dos olhos dos dirigentes americanos. Poliglota, grande cirurgião, impressionou logo ao chegar e nos impôs como enfermeiras, distinguindo-nos sempre e nos prestigiando.

Assim, me vi bem alicerçada e senti ambiente muito seguro de ação. Tive como companheira a competente colega Ten. Antonieta Ferreira, figura fora de série. Assim me senti muito bem calçada nestas amizades perfeitas de quem me cerquei. Sendo também muito bem recebida pelo comando americano, (médicos e enfermeiras).

Me adaptei completamente a rotina americana do hospital e não senti dificuldades nesta adaptação. Enfrentei com coragem o meu trabalho e me senti sempre a vontade para desempenhar minhas funções com desembaraço.

O treinamento físico que recebi no Brasil, achei perfeito pois não senti dificuldades.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Enf. Ref. Id. 07291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

8^a Como foi a continuação da preparação na Itália? Onde prestou seus serviços?

R: Na manhã seguinte a nossa chegada, fomos apresentadas como enfermeiras de 3ª classe, pelo nosso Chefe Major Enestino ao Coronel Emmanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde da FEB, que veio ao nosso encontro, no saguão do hotel. O Coronel determinou que colocássemos as estrelas do posto, de 2º Ten. no uniforme de gabardine verde-oliva e nos conduziu ao 182th General Hospital, pertencente ao Exército Norte Americano.

Apresentadas ao Cel. Wood, Diretor do Hospital, passamos a trabalhar no mesmo, usando as insígnias do posto. Não poderíamos, como enfermeiras civis, compartilhar o mesmo âmbito das enfermeiras americanas, que eram oficiais. Esta medida que foi tomada pelo Cel. Marques Porto, Diretor de Saúde do Exército no Teatro de Operações teria que ser confirmada pelo Comandante em Chefe da Força Expedicionária Brasileira, General Mascarenhas de Moraes. Logo ao chegar o Gen. Mascarenhas com o 1º Escalão, o Cel. Marques Porto levou ao seu conhecimento a providencia tomada. O General Mascarenhas aprovou integralmente o ato, e no Boletim nº 9 da FEB - Escalão avançado foi publicado o seguinte texto: "Considerando a situação em que se encontram as enfermeiras brasileiras, sob o ponto de vista hierárquico, em relação às americanas, no âmbito em que servem, resolvo arvorar no posto de 2º tenente, sem vantagens pecuniárias do posto as enfermeiras de 3º classe:

Antonietta Ferreira, Carmem Bebiani, Elza Cansação Medeiros, Ignacia de Mello Braga e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, servindo nos hospitais americanos, as quais passarão a usar a insígnias correspondente. General João Baptista Mascarenhas de Moraes, Gen. Div. CMT.

O 2º problema criado, foi o dos uniformes de serviço e roupas intimas que nos foram determinadas levar. Ao partimos do Brasil, não havíamos ainda recebido os uniformes de serviço; assim, tivemos que trabalhar com o uniforme verde-oliva de brim (saia calça, camisa e gravata) que não era nada funcional.

O calor dos dias de julho era intenso no solo italiano. Depois de 20 dias de trabalho eis que recebemos os uniformes de serviço vindos do Brasil. Era um vestido tubinho, um avental bem franzido com enormes bolsos e um pano triangular para amarrar-mos na cabeça, tudo de algodão na cor chumbo escuro, não pôde ser usado este uniforme, pois não atendiam ao nosso manequim. Eram verdadeiros espantalhos.

O Cel. Marques Porto, que nos fez a entrega, teve então entendimento com o major Ernestino, nosso chefe, e os dois com o Cel. Wood (chefe americano e a Enfermeira Chefe, Capitão Miss. Parkson) resolveram que nos fosse fornecido o uniforme de verão americano, sendo colocado nos mesmos as insígnias brasileiras e para sairmos, só era permitido o uso do uniforme brasileiro verde oliva.

O problema das roupas intimas, também foi muito difícil para nós, por não ter sido permitido levar a roupa que usávamos na época no Brasil, que era a normal. As peças foram padronizadas e o local da compra discriminado. As calcinhas de malha de algodão desciam abaixo dos joelhos e o soutien era verde oliva.

Nos hospitais americanos o banho era em conjunto com as americanas. Era uma enorme barraca, dividida em boxes abertos. As americanas desfilavam com suas roupinhas de látex, iguais as que usávamos no Brasil, mas que não nos foi permitido conduzir para a Europa. Não nos sentimos com coragem de enfrentar este vexame, e para não nos desmoralizarmos, passamos a tomar o banho fora do horário - à noite, quando não mais funcionava a água quente, a luz estava apagada nos banheiros, perdido assim o rico e farto material fornecido como cheirosos sabonetes, champoos etc. Aproveitávamos o momento para lavar a nossa roupa íntima. No hospital havia no banheiro, maquina de lavar roupa, e empregadas italianas que se incumbiam de lavar e passar, entregando nas tendas e recebendo uma gorjeta. Também esta mordomia perdemos.

Fizemos então camaradagem com as companheiras americanas, que levaram-nos em suas cantinas, onde fizemos um estoque de roupinhas, e o nosso problema foi resolvido.

Rio - 13.XII. 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. OA 291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

8 – Onde prestou seus serviços?

NÁPOLES – 182th Stadion Hospital

TARQUINIA – 105th Stadion Hospital

ARDENZA – 64th General Hospital

CECINA – 38th Evacuation Hospital (Chevitavechia)

S. LUCCE – 38th Evacuation Hospital

PISA – 38th Evacuation Hospital

FLORENÇA – 24th General Hospital

PISTOIA – 16th Evacuation Hospital

CORVELLA – 15th Evacuation Hospital

MARZABOTTO – 38th Evacuation Hospital

PAROLLA – 38th Evacuation Hospital

~~PAROLLA – 38th Evacuation Hospital~~

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 81291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

8 - Onde prestou seus serviços?

NÁPOLES - 182th Stadion Hospital

TARQUINIA - 105th Stadion Hospital

ARDENZA - 64th General Hospital

CECINA - 38th Evacuation Hospital (Chevitavechia)

S. LUCCE - 38th Evacuation Hospital

PISA - 38th Evacuation Hospital

FLORENÇA - 24th General Hospital

PISTOIA - 16th Evacuation Hospital

CORVELLA - 15th Evacuation Hospital

MARZABOTTO - 38th Evacuation Hospital

PAROLLA - 38th Evacuation Hospital

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Ref. Id. 01291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

9 - Como se deu o seu batismo de fogo?

R: Ao chegarmos em Nápoles ao cair da tarde, foi muito difícil encontrarmos hospedagem. Passamos a noite no Hotel Terminus que ficava em frente da baía de Nápoles, ocasião em que tivemos o batismo de fogo, pois houve um forte bombardeio.

O hotel estava com suas portas imperradas, o elevador não funcionava as paredes rachadas. Ocupamos o 11º andar do prédio. Foi horrível a nossa primeira noite naquela cidade.

Rio, 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

10 - Quais os principais problemas enfrentados pelas enfermeiras de um modo geral, pelo que lhe foi dado a ver?

R: Na manhã seguinte a nossa chegada à Nápoles fomos apresentadas, como enfermeiras de 3ª classe, pelo nosso Chefe Major Ernestino, ao Coronel Emanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde da FEB, que veio ao nosso encontro no saguão do hotel. O coronel mandou que colocássemos as estrelas do posto de 2º tenente no uniforme de gabardine verde oliva e nos conduziu ao 182th General Hospital, pertencente ao Exército Norte Americano. Apresentadas ao Diretor do Hospital Cel Wood, passamos a trabalhar usando as insígnias do posto, pois não poderíamos compartilhar o mesmo âmbito das enfermeiras americanas, que eram oficiais. Esta medida foi tomada no hospital, porém teria que ser confirmada pelo Comandante em Chefe da Força Expedicionária Brasileira, General Mascarenhas de Moraes.

Logo ao chegar o Gen. Mascarenhas com o 1º Escalão, o Cel. Marques Porto levou ao seu conhecimento a providência tomada. Esse aprovou integralmente o ato e no Boletim nº 9 da FEB - Escalão Avançado, foi publicado o seguinte texto: "Considerando a situação em que se encontram as enfermeiras brasileiras, sob o ponto de vista hierárquico em relação às americanas, no âmbito em que servem, resolvo arvorar no posto de 2º tenente, sem vantagem pecuniárias do posto, as enfermeiras de 3ª classe: Antonietta Ferreira, Carmem Bebiano, Elza Cansanção Medeiros, Ignacia de Mello Braga e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, servindo nos hospitais americanos, as quais passarão a usar a insígnia correspondente. General João Baptista Mascarenhas de Moraes - Gen. Div. CMT"

O 2º problema criado foi o dos uniformes de serviço e roupas íntimas que nos foram determinadas levar. Ao partimos do Brasil não havíamos ainda recebido os uniformes de serviço. Assim tivemos que trabalhar com os uniformes verde oliva de brim (saia calça, camisa e gravata), o que não era nada funcional. O calor dos dias de julho era intenso no solo italiano e depois de 20 dias de trabalho eis que recebemos os uniformes de serviço, vindos do Brasil; era um vestido tubinho, um avental bem franzido, com enormes bolsos e um pano triangular, para amarrarmos na cabeça; tudo de algodão, na cor chumbo escuro. Não puderam ser usadas, pois, além de enormes não atendiam ao nosso manequim. Eram verdadeiros espantalhos.

O Cel Marques Porto, que nos fez a entrega, teve então entendimentos com o Major Ernestino e os dois, com o coronel americano e com a enfermeira - chefe americana, para que nos fosse fornecido o uniforme de verão americano e colocadas no mesmo as insígnias brasileiras. Para sairmos, só era permitido o uso do uniforme brasileiro verde oliva. O 3º problema: Roupas íntimas - Foi também muito difícil para nós, por não ter sido permitido levar a roupa íntima que usávamos na época no Brasil, que era a normal. As peças foram padronizadas e o local das compras discriminado. As "calcinhas" de malha de algodão desciam abaixo dos joelhos e o soutien era verde oliva. Nos hospitais americanos, os banhos eram em conjunto com as americanas, em uma enorme barraca, dividida em boxes abertos. Elas desfilavam com suas roupinhas de latex, roupas estas que usávamos no Brasil, mas não nos foi permitido conduzir para a Europa. Não nos sentimos com coragem de enfrentar este vexame e para não nos desmoralizarmos, passamos a tomar banho fora do horário, à noite, quando não mais funcionava a água quente (o que nos valeu foi estarmos no verão). A luz apagada nos banheiros e perdendo o rico e farto material fornecido, como cheirosos sabonetes, shampoos etc. Aproveitamos o momento para lavarmos nossa roupa íntima. No hospital Geral de Nápoles, havia no banheiro, máquina de lavar roupa e empregadas italianas que se incumbiam de lavar e passar, entregando nas tendas e recebendo uma gorjeta. Também esta mordomia perdemos no início de nossa estada, mas fizemos sadia camaradagem com as colegas americanas que nos auxiliaram muito, levando-nos à suas cantinas, onde fizemos um estoque de roupinhas e o nosso problema foi resolvido.

Rio 13.XI.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Em. Ref. Id 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

11 - Como sentiu a influência do clima, notadamente do rigoroso inverno europeu, no desenrolar das operações e na saúde da tropa?

R: A influência do clima não me atemorizou logo ao chegar, pois chegamos no mês de maio e o calor era intenso.

Assim fui me adaptando ao clima paulatinamente e quando o inverno chegou já estava equipada para enfrentar com coragem aqueles dias frios, pois o hospital americano em material de aquecimento, (lareiras, agasalhos, mantas foi maravilhoso, e assim fomos aos poucos nos surtindo do necessário para nos agasalhar. Os baixados também foram sempre com fatura aquecidos. O material era farto. Lareiras funcionando sempre nos alojamentos, dependências e enfermarias.

Ao baixar, recebiam pijamas de flanela, meias de lã, mantas de lã (7). Não tínhamos colchões. O nosso colchão era a nossa cama rolo onde colocamos nossa roupa de banho, uniformes, mantas. Estávamos assim sempre prontas para os deslocamentos desses hospitais de evacuação, e assim, nos poupava gastar energia; enrolávamos a cama rolo e nos transportávamos para o novo local onde funcionaria o novo hospital.

Aqueles que baixaram os hospitais americanos, jamais sentiram frio, pois era de se notar a riqueza e abundância de material distribuído, enquanto estivessem baixados.

Rio 13, XII. 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Conf. Ref. Id. 01.291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

12/ Qual a sua opinião a respeito do desempenho em campanha dos nossos profissionais – Oficiais e Graduados – considerando que passaram a conviver, sem a oportunidade de um treinamento prolongado, com modificações profundas de seu armamento, equipamento e do clima onde combateram?

R: O valor dos combates, o espírito de brasilidade, que norteou a oficialidade de nossa tropa, conseguiu brilhantemente a conquista.

Foi a nota principal para conseguir o sucesso. Embora considerando que passaram a conviver sem a oportunidade de um treinamento prolongado, com modificações de seu armamento e o clima onde combateram todas estas dificuldades.

O brasileiro, povo inteligente e capaz rapidamente se adaptou e o espírito de luta dos comandos e de sua oficialidade, conseguiu transmitir à tropa a sua força e o desejo de vencer.

O esforço que fizeram estes grandes brasileiros, foi compensado e superou todas as dificuldades e eis o sucesso obtido.

Nos soldadinhos baixados, senti sempre a veneração que estavam embuídos de seu Comandante, de seu capitão, de seu tenente e de seu sargento.

A ansia de retornar à seu Regimento, a sua Companhia ao convívio de seus companheiros era enorme.

Isto sempre demonstrou o espírito de coesão que se achavam embuídos.

Eis o que senti, transmitido por esta gente.

Me senti orgulhosa, também, com o preparo técnico de nossos profissionais (oficiais médicos, enfermeiras, sargentos enfermeiros, enfim com quem tive a honra de privar.

A adaptação também rápida, não deixou deficiência e embora o conforto fosse muito maior do que o do pessoal da tropa. A adaptação foi perfeita.

Espetacular foi o povo americano que na sua organização perfeita, nos recebeu de braços abertos.

Assim tivemos de conviver com um povo admiravelmente desenvolvido, com acentuada noção de conforto e espírito de camaradagem.

O nosso serviço de saúde, somente teve que ser adaptar a rotina dos hospitais e segui-la totalmente.

Quanto ao valor técnico de competência deu verdadeiras demonstrações de preparo.

Desdobrou-se em sacrifícios, vigílias, etc.

O material dos hospitais americanos fartíssimo. Alimentação primorosa e conforto notável.

Isto cooperou para o sucesso de vidas salvas e a vontade de salvar vidas humanas triunfou.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 2.000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Ref - Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

12 - Qual a sua opinião a respeito do desempenho em campanha dos nossos profissionais - Oficiais e Graduados - considerando que passaram a conviver, sem a oportunidade de um treinamento prolongado, com modificações profundas de seu armamento, equipamento e do clima onde combateram?

R: Me senti orgulhosa com o preparo técnico de nossos profissionais (oficiais e graduados). Médicos, enfermeiras, sargentos enfermeiras se adaptaram à rotina do hospital e me orgulho das demonstrações que deram de competência, em trabalhos e funções exaustivas.

O Serviço de Saúde se desdobrou em sacrifícios, vigílias, e competência. O material do hospital americano fartíssimo. Isto cooperou muito para o sucesso de vidas salvas.

A competência dos médicos brasileiros e aliados, a vontade de salvar vidas humanas triunfou.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01991554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército

Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

13 - Externe sua opinião sobre o desempenho do soldado brasileiro em combate (disciplina, iniciativa, resistência à fadiga, coragem, etc.).

R: As suas bravuras, coragem, disciplina, iniciativa, resistência a fadiga, ^{novas} notícias sempre que nos chegavam ora transmitidas pelo alto falante, ora por pacientes que baixavam, ora por oficiais que compareciam em suas horas de folga para visitar seus comandados no hospital, me encheram sempre de orgulho e vibrava então em poder atende-los e sentir orgulho deles, pois compensavam com suas bravuras o meu sacrificio em atende-los o melhor que de mim pudesse oferecer.

Rio - 13. X 11. 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero)

14 – Como foi o relacionamento com a população local?

R: O meu relacionamento com a população local, foi perfeitamente bem sucedido. Não tive entretanto muita oportunidade de privar, com elementos italianos para uma descrição maior.

O relacionamento de uma enfermeira brasileira com o povo italiano foi pequeno. Entretanto, numa cidade ocupada, a população oprimida, a cidade destruída, tivemos oportunidade de lidar com a mulher italiana, que sempre amavelmente vinha ao hospital em busca de trabalho para o seu sustento.

Assim cito neste depoimento a figura de Vicentina a minha lavadeira. Esposa de um diplomata, muito chegado a Mussoline, mulher bonita, com seus olhos azuis claros, sempre marejados de lágrimas, fisionomia triste. Pude observar de perto como sofria, assistindo a destruição de sua querida Itália, onde os detalhes da arte se impunham. Sentida, contrita, com o mias profundo respeito e dignidade patriótica, a bonita Vicentina, aguardava o retorno de seu esposo, que teve que fugir, em virtude da guerra.

Assim sem notícias, o aguardava sempre, rezando para o retorno ao lar. Vivia ela numa bela casa em Pistoia com seus dois pequenos filhinhos.

Para viver honestamente precisava trabalhar. Com uma cestinha de palha com ovos e uvas para vender, apareceu no hospital: "Algo per lavare, estirare?" Notava-se em sua voz amargurada a agonia que trazia trancada no coração. Dizia ela: "Itália, primo bella...ahora tutto distruto, tutto rubinato..." Assim apelava para nós, que facilitássemos um trabalho para o sustento de seus "bambinos" até o retorno do esposo.

Não queria dinheiro (lira). Em pagamento, queria açúcar, café, pão, chocolate e cigarro.

"Cambiare per Dio, o que me falta". Vicentina em sua casa, criava coelhos e galinhas. Preparava-nos então nos dias de folga, suculentos almoços em sua casa. Coelho a milaneza, macarrão ao suco, uvas e frutas e se sentia recompensada com os chocolates e cigarros que recebia em pagamento.

Guardo desta criatura uma linda imagem de dignidade, honra e bondade da mulher italiana que não se deixou corromper com os horrores da guerra. Que assistiu com dignidade a destruição de sua linda Itália.

Pude observar bastante e de perto como estava sofrendo. Cidade onde os detalhes da arte se impõem, vê-la destruída, ocupada, com seu povo oprimido em sua própria cidade. Outras raças mandando e pisando o seu solo, com desembaraço imponente, fazendo sofrer assim grandemente o povo da cidade ocupada, onde os detalhes da arte são primorosas.

E assim vi de perto o valor desta mulher italiana durante os cinco meses que servi no hospital de Pistoia. Guardo então desta figura de mulher italiana uma linda imagem.

Com o avanço das tropas mudei de hospital de Pistoia para a cidade de Corvella, trazendo um peso de papel de vidro que ela me deu de recordação, que conservo até os dias de hoje e gravado o exemplo digno desta mulher italiana.

Rio 13.XII.2000
Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01 291 534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

14 – Como foi o relacionamento com a população local?

R: O relacionamento com a população local foi fantástica. Tanto os brasileiros como os italianos se identificaram logo de início e assim amistosamente sempre se trataram tomando a convivência bem fácil de ser vivida.

~~Vicentina~~.

Rio, 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Enf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

15 – Como classifica, em linhas gerais, o apoio de saúde?

R: Classifico o apoio de saúde em linhas gerais, como um excelente trabalho de cooperação que pode este serviço prestar aos seus companheiros feridos e atingidos por tão desumana tragédia, amparando e dando o máximo de esforço para a recuperação maciça.

Rio 13.XI.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Enf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

16 – Como sentiu o apoio religioso à tropa combatente?

R: Fiz o meu curso primário em Colégio Religioso – Colégio Maria Imaculada. Formação de família Católica.

Senti nos hospitais em que servi, um apoio maciço dos padres católicos e pastores protestantes. Era lindo quando na enfermaria os dois religiosos compareciam, muitas vezes juntos.

O nosso capelão padre Noé, e o soror Sorém (protestante)

Na simplicidade de suas presenças, no carinho e apoio que davam ao baixado, levantavam sempre o moral de nossos heróis na enfermaria, escolhida sempre a que tivesse mais lotadas de pacientes que não podiam se locomover, armávamos um altarzinho simples e ali eram rezadas missas.

Lindas bênçãos, orações proferidas, davam a nós de serviço e aos baixados uma força para enfrentarmos o dia a dia.

Também com suas presenças no Cemitério de Pistóia, davam sempre um lindo exemplo de solidariedade cristã. Achei pois que o serviço religioso muito ajudou a toda a FEB suportar as agrurias por que passaram.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Enf. Ref. Id. 015291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

17 – Qual a sua opinião sobre o soldado inimigo?

R: Me externo, como Enfermeira. Só pude analisar o paciente baixado; embora fosse um inimigo feroz no campo de combate, tratei-os com a dignidade que a minha profissão exige.

O inimigo (alemão) foi sempre um paciente disciplinado e procurou cumprir integralmente o regulamento exigido na enfermaria.

Chegavam com mutilações diversas, as mais sérias possíveis, fraturas, surdez, grandes contusões, e procurei sempre atendê-los sem discriminação. Todo o conforto no atendimento, alimentação, medicamentos em igualdade de condições de nossos heróis baixados.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291334-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército

Na 2ª Guerra Mundial *feitas p/ Gen. Geraldo Luiz Neres Sidi*

(Para a Cap. Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero)

*(Encontra-se no arq
vo do Ministério da Def)*

18 – Gostaria de destacar mais algum aspecto impressionante ou fato marcante durante a campanha dos Apeninos?

Tomada de Montese
(baixa do Helio Portocarrero de Castro – dia 16 às 4hs)

Montese instalado nos pontos mais altos das cristas conhecidas pelos nomes de Monte Bufone, Sorreto e Montelo. Coube aos brasileiros a missão de atacar Montese.

Foi o 11º e o 6º Regimento de infantaria que tiveram esta missão.

O terreno todo minado.

Foi uma noite tenebrosa.

O Hospital ficou lotado de baixas.

O meu plantão, foi exaustivo.

Trabalhei a noite toda do dia 14 de abril, (data do aniversário de minha mãezinha adorada).

Ao passar o meu serviço para a minha colega às 7 horas da manhã, dirigi-me ao mess para o Brakfast; peguei a bandeja e entrei na fila, esperando a minha vez de ser servida.

Atras de mim, num papo animado, estavam os tenentes médicos Lyra e o Capitão Monteiro, que também trabalharam a noite inteira e estavam como eu, largando o seu plantão.

Comentavam o enorme numero de baixas, entre os baixados diziam “está um Portocarrero.”

Nem perguntei quem era o Portocarrero, baixado; larguei a bandeja no banco do Mess, e corri para a enfermaria do choque (receiving), onde lotada, estavam os baixados, sendo classificados pela sua gravidade, tratados e afim de serem encaminhados para a sala de Operações.

Uns Com a cabeça coberta tinham entregue sua alma a Deus; outros, já tomando sangue e com o tratamento iniciado.

A minha angustia foi tremenda. Só poderia ser o Hélio, que comandava a 3ª Cia do 6º RI, ou Heraldo que era observador avançado (Artilharia).

Meus priminhos queridos. Fomos criados juntos como verdadeiros irmãos. Fui procurando um por um, até que encontrei o “Hélio”.

O meu impacto foi sério, quando eu o vi todo ensangüentado, coberto com um lençol e um cobertor ensoado de sangue.

O desespero se apoderou de mim. Ele, calmo, quietinho, dizia me acalmando, que não era nada grave e com a sua maneira compassada de falar me dizia: “fica quieta, o meu caso é simples. Estou bem. Não faça escândalo”.

E eu nesta altura já chorava, cheia de emoção, querendo tudo fazer por ele. O tenente Pio, Médico de plantão me disse que o caso do Hélio era simples.

O Hélio, sempre foi muito controlado.

A noite inteira atendi a tão graves casos e já exausta me descontrolei. Corri aflita para pedir ao comando um atendimento rápido, pois Hélio era meu irmão. Que desespero!...

O Major se apressou e foi ate a enfermaria vê-lo. O tenente Pio, esclareceu o caso do Hélio. Está ele classificado para ser atendido. Está sendo cuidado, e de acordo com a classificação irá para a sala de operações, amanhã á tarde.

Que agonia a minha. Como perdi o controle. (Eu tive este descontrole).

O major já havia pedido auxílio ao Serviço de Saúde, e a tarde seriam reforçadas as equipes medicas da sala de operações. Uma turma de médicos e enfermeiras vindas do hospital de Livorno, ~~quando~~ iria reforçar os atendimentos do nosso hospital. Assim foi o Hélio operado nesta mesma tarde, ao anoitecer, e o recebi em minha enfermaria já no meu plantão.

Operado pelo capitão Contreiras (brilhante cirurgião) em cuja equipe trabalha minha grande amiga e competente enfermeira Antonieta.

cont. 18

A chapa de Raio X confirmou fraturas dos artelhos e foram retirados 68 estilhaços; alguns superficiais, outros mais profundos; ainda alguns la ficaram para não macerar os tecidos.

Saiu da sala e baixou a minha enfermaria ainda anestesiado, tomando soro; entrou na penicilina de três em três horas, sulfa, bastante líquido. Acomodei-o com cobertas e travesseiros e ele dormiu sossegado e bem tranqüilo. Os seus comandados aqui baixados o adoram; sempre me dão noticias elogiando, a sua coragem, a maneira de trata-los.

Eles adoram o seu capitão e estão sempre aflitos para ter alta e voltar para a sua Cia e seu comando. No dia 18 foi o Hélio transferido para o 7th Station Hospital.

Coloquei-o na ambulância, acomodei-o com carinho que sempre tive com todos os meus doentinhos transferidos.

Graças á Deus o seu estado está bom. Bom pulso, respiração normal, não teve febre. Boa pressão arterial.

Passei este susto na guerra, pois Helio é meu irmão; nascemos na mesma casa, nos criamos juntos. Agora na guerra eu passei por esta aflição ao vê-lo tão machucado.

Etapas de atendimento por que passou:

1º Socorrido pelo Batalhão de Saúde

2º operado - 16th Ev.hospital

3º 7th station Hospital

4º- 300th Gen. Hosp Nápoles.(revisão operação)

5º- África -Casa Blanca

6º - Brasil (HCE)

Rio 13. XII. 2000
Virginia Maria de Numeyer Portocarrero
Capitão Ref. Id. 01297554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

19 – A sra. Poderia nos relatar algum fato singular relacionado com a campanha do VALE DO RIO PÓ, particularmente em COLECHIO e FORNOVO?

R : Quando as tropas brasileiras invadiram o vale do Rio Pó, o 38th Evacuation Hospital se transferiu, avançando para Salsomajore e em seguida para Parola que foi o ponto mais avançado por onde andou o serviço hospitalar brasileiro.

E na campanha do Vale do Rio Pó, particularmente em Colechio e Fornovo tivemos grandes baixas e o hospital ficou lotado de brasileiros, americanos e um numero enorme de alemães.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão inf. ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

20 – Qual a sua impressão do contado com as tropas aliadas em ação na Itália?

R: Achei notável, o intronzamento perfeito com as tropas aliadas. Aparentemente, pude notar um grande equilíbrio. Perfeitamente introzadas. Grande confraternização dos elementos.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01 291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército

Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

21 – Qual a sua opinião a respeito do apoio logístico recebido?

R: Servindo em Seções Hospitalares que funcionavam dentro dos hospitais americanos, tive um apoio logístico magnífico. Todos os direitos que eram dados às enfermeiras americanas, eu usufruí.

A noção de organização era perfeita. Nas mudança de hospital, a engenharia escolhia o terreno do novo hospital, e os especialistas em detonação de minas agiam com maestria, saneando o terreno do novo hospital, marcando com faixas de tinta branca, todo o local por onde sem perigo, pudéssemos transitar.

O transporte era feito então em numerosos caminhões que carregavam todo o material do hospital, que era desmontado pelo pessoal, técnico do próprio hospital e todos cooperavam, carregando suas bagagens.

Sempre 4 enfermeiras ocupavam uma barraca. Duas de serviço e 2 de folga. Tudo era previsto. Assim as 2 de folga, carregavam sua bagagem e a das companheiras de serviço. Sempre a sub chefe das enfermeiras americanas passava vistoria nas barracas e era exigido uma arrumação perfeita para quando houvesse mudança tudo correr com normalidade.

As companheiras de serviço, se incumbiam de arrumar os doentes, afim de serem removidos para hospitais na retaguarda e também de embalar todo o material de consumo e medicamentos que estivesse na enfermaria. Este material sempre era arrumado em pequenos armários, e que fechados eram colocados também por espécie em caminhões destinados aos mesmos. Todo o material usado diariamente nas enfermarias era requisitado ao Suplay (barraca de suprimento) e atendido imediatamente por requisição das enfermeiras. A roupa (pijamas, lençóis e mantas, toalhas de rosto e banho, etc) diariamente eram substituídas e entregues a lavanderia. Assim sempre em dia tínhamos nossa enfermaria em perfeita ordem, aguardando uma mudança rápida. A turma de sargentos enfermeiros e praças desmontava os catres e colocavam nos caminhões que também em espécie carregavam e desmontavam as grandes barracas enfermarias, barracas do acampamento, enfim o hospital inteiro em barracas , era desmontado e separadamente em espécie colocada em grandes caminhões , que transportavam para o novo hospital. As últimos caminhões, levavam o pessoal do Serviço. Assim era montado o hospital.

Alimentação - O menu era o mesmo em todas as dependências que pertenciam ao 5º exército. Alimentação farta, saudável, sempre acompanhada de refresco, vitaminas e sais minerais (comprimidos) Mas enfermarias também era assim distribuído.

Aquecimento – Todas as dependências possuíam lareiras a óleo, controladas pelo pessoal americano. Mantas e travesseiros em profusão. Não usávamos colchão nos nossos acampamentos, nem nas enfermarias. Dentro das cama-rola , guardávamos toda a roupa de uso, mantas etc.(que nos servia também de colchão. Somente nas barracas dos grande chocados havia colchão. Os pacientes sempre recebiam ao baixar, pijamas, toalhas de rosto e banho, sabonete, e roupão, chinelo, meias de lã , mantas de lã etc. Nós enfermeiras também recebíamos todo o material. Quem teve a oportunidade de servir ou baixar nestes hospitais durante o inverno, não sentiu frio e foi fartamente aquecido. A Cruz Vermelha sempre deu o maior apoio em distrações e em todos os hospitais funcionou.

Entretanto o acesso de bagagem que nós enfermeiras vindas do Hospital de Parola e que tivemos de entregar no Posto Regulador Brasileiro de Nápoles, soubemos que chegou ao Brasil, foi entregue no HCE no Rio de Janeiro e nada recebemos.

Cartas, lembranças etc, perdemos. Foi a única nota triste que posso relatar. Foi um desrespeito a nós enfermeiras chegadas de uma guerra e dentro do nosso país.

Rio 13.XI.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 04 291 554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

22 - Quais os pontos que a Sra. Ainda, gostaria de destacar a respeito da atuação das enfermeiras na Itália?

R: Pesquisa do livro "A mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial" Capitão Olímpia de Araújo Camerino. Pg.118 - 119 - 120 - 121

Pag. 118 - Serviço de Evacuação aérea. Seis enfermeiras brasileiras se especializaram nesse Serviço com curso feito em Natal, na Base Americana de Pamamirim. Durante a Guerra foram realizadas transportes de feridos de Dakar a Natal e de Natal a Miami. Uma vez capacitadas para Ter sob sua guarda um avião carregando os feridos(24 em média por avião)foram as enfermeiras do ar apresentadas ao Serviço de Saúde em Nápoles em janeiro 1945. Contando o Serviço de Evacuação Aérea da FEB, somente com 6 enfermeiras especializadas, pode-se imaginar o que de sacrificio foi exigido. A evacuação dos feridos e doentes era feita ordinariamente em 4 etapas a saber: Nápoles - Casablanca - Dakar - Natal - Rio.

Trabalhando em conexão com o ATC(Air Transport Command, o Serviço de Evacuação Aérea da FEB utilizava-se de aviões norte-americanos para a travessia do Atlântico e de aviões da FEB para o transporte de Natal ao Rio, onde feridos e doentes eram apresentados diretamente ao Hospital Central do Exército.

Enfermeiras do Ar: Dirce Ribeiro da Costa Leite, Joana Simões, Lenalda Lima Campos, de Araújo, Maria José Vassimon de Freitas, Sara de Castro, Semirames de Queiroz Montenegro.

Pag, 119 - Aguardamos a nossa vez de também partir, quando recebemos nova designação para o 35th Field Hospital, instalado em Sparanise, cidade próxima a Francolise, nos arredores de Nápoles. Em Francolise ficava o acampamento em que a tropa brasileira ia guardar o embarque de regresso à Pátria. O hospital era pequeno, instalado em barracas, local de impaludismo, quente e pequeno. Menor em trabalho, porém com a mesma organização e rotina mantidas pelos hospitais americanos. Atendia à tropa acampada em Francolise. Neste hospital continuavam em serviço 6 enfermeiras brasileiras.

A vida era monótona no fim dessa jornada. A guerra havia terminado há quatro meses e não sabíamos o dia do regresso. O frio se aproximava. A nossa missão não estava finda, enquanto tivéssemos um soldado brasileiro baixado.

Pag.120 - Setembro de 1945 - As últimas notícias: o regresso ao Brasil seria pelo navio transporte americano James Parker. Teríamos um hospital a bordo, para onde seriam transportados os doentes do 35Field o hospital remanescente. Em 20 de setembro de 1945, embarcamos em Nápoles no navio James Parker com o 5º escalão. A nossa missão na Itália estava finda - (6 enfermeiras: Bertha Moraes - Elza Miranda - Jacyra de Souza Góes - Olimpia de Araújo Camerino - Maria Aparecida França - Silvia de Souza Barros)

No hospital de bordo a nossa tarefa continuava: escala de serviço, rotina hospitalar. Eram as enfermeiras brasileiras as últimas a deixar o solo italiano, como também foram as primeiras nele chegar.

Em 3 de outubro, chegamos ao nosso querido Brasil, com o último Escalão da FEB. Teríamos que preparar os doentes e entrega-los aos cuidados dos companheiros do hospital Central do Exército

Pag. 121 - Por projeto elaborado pela Câmara dos Deputados, transformado em Lei nº 1209, de 25 de Outubro de 1950 e sancionado pelo Exmo. Sr. Presidente da República, tiveram as enfermeiras da FEB sua aspiração realizada, estavam efetivadas no posto de 2º Tenente e incluídas na Reserva de 2º classe do Exército com o mesmo posto. Há enfermeiras que também trouxeram os sinais da guerra, e esta tiveram sua situação estabilizadas sendo amparadas pelas Leis da FEB.

Efetivadas no posto de 2º Ten. continuaram as enfermeiras lutando pela sua aspiração. Ainda por projeto elaborado e aprovado pela Câmara dos Deputados foram convocadas para o Serviço Ativo do Exército no posto de 2º Tenente, com acesso até 1º Tenente, com permanência e regalias inerentes aos oficiais da Ativa nos termos da Lei nº 3.160 de 1 de Janeiro de 1957.

Requereram convocação 46 enfermeiras, 9 não se apresentaram e 12 já estavam reformadas por incapacidade adquirida na guerra. Convocadas, foram classificadas em diversos serviços do Serviço de Saúde do Exército. Continuaram assim as ex-Enfermeiras da FEB prestando serviços na paz, como o fizeram na guerra, ao Serviço de Saúde do Exército.

Atualmente estão todas na inatividade, nos postos de Major, Capitão, ou 1º Tenente umas por terem completado o tempo de serviço, outras por terem atingido o limite de idade para permanência na ativa e outras por incapacidade física.

Rio - 13.XI.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Em. Ref. Id. 01 251534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

23 – O que mais a impressionou na campanha da FEB?

R.: O que mais me impressionou na campanha da FEB, foi o valor moral de nossa tropa. O entusiasmo que eu sempre senti, em todos os elementos que a compuseram, foi fantástico. O que me transmitiram sempre os companheiros que nas horas de folga, chegavam ao hospital para visitar o seu amigo baixado, fosse ele um graduado, fosse um simples soldadinho, me deixou sempre muito bem impressionada.

O mesmo sentimento portavam, os que chegavam baixados no hospital. Mutilados muitas vezes, com ferimentos sérios traziam, a ânsia de recuperação. Queriam voltar a ocupar o seu posto, não perder o seu comandante, os seus companheiros de luta. O retorno a sua perigosa função era predominante em todos notei o entusiasmo que sentiam em poder cumprir missões tão perigosas. O brasileiro nesta guerra foi um grande soldado. Bravo, patriota, destemido, cumpriu o seu dever verdadeiramente.

Com orgulho eu me externo, pois senti de perto o valor do soldado brasileiro.

Me impressionou também o espírito de humanidade de que norteou o Serviço médico. Todos em seus postos, deu o pessoal de saúde o máximo para minorar os padecimentos dos valorosos baixados.

Competente, digno, comprovou este Serviço o juramento assumido. Privei com elementos competentes e dignos

Também impressionante foi a fartura de material dos hospitais americanos. Organização perfeita.

Alimentação notável.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. P. 4 Id. 08-291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

24 – A Sra. Deseja fazer referência especial a algum integrante da FEB no seu todo ou que tenha pertencido, especificamente, ao Serviço de Saúde?

R: A simples chegada de uma ambulância vinda da linha de frente, a todos nos angustiava. Muitas das vezes, dava entrada em nossas enfermarias, um irmão que horas antes sabíamos ser dos mais bravos e saudáveis patricios.

Veze havia que já os conhecíamos no Brasil ou mesmo na Itália. Plenos de confiança no futuro, mas que depois em razão da guerra em consequência de uma granada em sua volta detonada atingiu-o marcando-o para o resto da vida.

E nós recebíamos com angústia e apreensão. Assim deu entrada em nossa enfermaria em Pistóia o campeão universalmente consagrado, atingido precisamente nas pernas. “ele que tão alto, já elevara o nome de nossa Pátria” o bravo tenente Mário Márcio.

Assim, permanentemente, ameaçava encerrar mais uma gloriosa vida. E verdadeiro trabalho de dedicação e paciência nós foi exigida.

Por melhor que procuremos retratar o que se poderia considerar como uma enfermeira nos campos de batalha, sempre dificuldades serão encontradas para uma definição mais precisa.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

25 – Precisou a Sra. Assistir e confortar pacientes feridos em combates em horas difíceis?

R: Precisei e muito me revestir de coragem e força descomunal para isto conseguir. O moral dos baixados era enorme, Ao mesmo tempo que eu procurava transmitir coragem recebia em troca a força que eles me davam para reagir em horas difíceis de serem vividas para ambos.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exercício Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

25 – Precisou a Sra. Assistir e confortar pacientes feridos em combate em horas difíceis?

R: Em um hospital de evacuação, esta cena era repetida com muita constância. Os meus bravos baixados como empolgavam a minha sensibilidade. O meu esforço era tremendo, para dar-lhe o melhor atendimento.

Cheia de cuidados e responsabilidade, tratei de seus físicos e morais, e senti e agradei a Deus Ter me guiado para estas paragens e me dado forças, para com minhas próprias mãos poder aliviar-las em suas dores. Que orgulho no íntimo me empolgava o ter podido cuidar de um herói. Ao em vez de lágrimas correrem de meus olhos, eu sorria para todos, encorajada pelos valores que deles emanavam.

Eu fingia estar alegre, atendendo a todos, transmitindo paz, pois sabia que se eu demonstrasse apreensão, o reflexo na enfermaria seria mau e o ambiente ficaria toldado. Porém, me doía profundamente, ver estes meninos, tão machucados. No início não pressentiam a sua mutilação, queixavam-se de dor em membros que já nem existia mais. Amargurada, procurava dar posições melhores para amenizar as suas dores. Colocava mantas e travesseiros calçando, melhorando posições e conseguia amenizar seus padecimentos. Na sala de operações a equipe médica completava com grande maestria os membros amputados, completando os mesmos com gesso e assim estas mutilações não eram notadas pelos pacientes.

Em suas papeletas e na visita médica éramos sempre informadas do ocorrido. Muitas das vezes corria a minha barraca para chorar um pouco e desabafar a minha angustia. Chorava, rezava e desabafava. Que absurdo a guerra, homens tão jovens, tão cheios de vida e de esperanças e tão machucados pelo destino. A coragem e a força destes homens, entretanto era maravilhosa e suportavam com altruísmo o seu sofrimento. Em geral nos hospitais de evacuação conseguíamos que estas amputações não fossem notadas pelas vítimas. Porém muitas das vezes um companheiro desavisado, chegava na hora de sua folga para visitar o amigo e deixava transparecer o ocorrido. Quando isto acontecia era de fato muito difícil a nossa missão para que moralmente não tornasse séria a situação.

Página de meu diário

Meu primeiro doentinho que faleceu na enfermaria, muito machucado com a detonação de mina. Na sua sem inconsciência, falava desencontrado e eu entendia uma palavra ou outra. Agarrado em minha mão, que enxugava o seu suor frio, sentia que ele queria leva-la aos lábios. Não fiz reação. Ele já nem força tinha; encosto-a nos lábios. Entretanto naquelas palavras desconexas ele balbuciou "Geralda". Com muito custo ouvi também falar em registro dos molequinhos.

Assim muita coisa ele disse, e eu não entendi. Beije-lhe a testa e ele se acomodou, passando do sono para o céu. Chorei muito, fiquei muito emocionada e no dia seguinte dele ser enterrado, fui com Sylvia Marques ao Cemitério, que ainda estava sendo arrumado e atendido pelo nosso capelão Padre Noé. Fizemos uma coroinha das flores que encontramos no caminho, e depositamos em sua cova em nome de sua "Geralda" e de seus filhinhos. Tinha anotado o seu nome, porém foi extraviado com minha bagagem. Procurei de todos os modos recompor o ocorrido, porém em vão. Guardei sempre a sua fisionomia. Era bem escuro e tinha o cabelo encaracolado.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

26 – Como foi utilizada a propaganda durante a II GM na Itália, visando reduzir o moral do oponente?

R: A propaganda durante a II GM. na Itália visando reduzir o moral do oponente foi muito bem feita nas Unidades Febianas.

Posso declarar que o soldado brasileiro baixado ou o que venha em suas folgas ao hospital em visita ao companheiro baixado era formidável. O espírito de brasilidade acentuado. O orgulho de seus superiores, traziam acentuados.

Enfim, os seus comandantes davam a sua tropa sempre exemplos de civismo e dignidade que os ajudava a sempre julgar os seus oponentes fracos, e ~~que~~ a certeza de vence-los com esforço, e coragem.

Assim com demonstração de grande patriotismo, se impunham a derrotar o inimigo, que se via enfraquecido e vencido.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291334-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

27 – Como eram explorados psicologicamente os êxitos obtidos?

R: Ligo^{ndo} o rádio da enfermaria e logo o programa Auri Verde interferia, e a inescrupulosa Margarida Rirchman, brasileira como eu, ao em vez de lançar no ar frases de patriotismo, lançava com disfarçada bondade, frases para tirar o estímulo, revoltando nossos baixados.

A maquiavélica mulher 1º elogiava a bravura do homem brasileiro dizendo: “ Ontem foste um bravo” logo em seguida, completava para ferir bem o moral: “amanhã quando regressares ao Brasil, receberás como prêmio desta mutilação e desta bravura, um par de muletas e bilhetes de loteria para venderes na Praça Tiradentes.”

Apressada desligava o rádio e um sargento ruivo, baixinho e gordo bem avermelhado com sua mão gessada, cantara uma versalhada desfilando e dançando pela enfermaria para melhorar o ambiente.

“A onde está a tua linda bicicleta Maria? Tedesco portare via”.

Que homem de espirito forte. E aquelas fisionomias endurecidas pelo sofrimento e revolta tornavam a sorrir de suas graças.

As vezes esta brasileira infame dizia: “Vocês não acham muito melhor, viver no sol tropical do Brasil do que neste lodaçal nojento?”

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id 0129 1954-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero)

28 - A Sra. Chegou a Ter contato com o 1º Grupo de Aviação de Caças ou com a 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO)? Caso positivo, o que a Sra. Gostaria de registrar com relação aos mesmos?

R: Não tive contato com o brilhante 1º Grupo de Aviação de Caças, ou com a 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO).

Conheci alguns elementos que visitavam os amigos hospitalizados e vibrava com as notícias fornecidas pelo auto falante sobre seus gloriosos bombardeios e ações de combate aéreo - Foram verdadeiros exemplos de patriotismo - coragem e ação.

Rio 13, XII, 2000
Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 051291334-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

29 – O que mais a Sra. Gostaria de abordar a respeito da campanha?

R: Me excluo e descrevo as minhas companheiras. Me externo com orgulho o que de perto eu vi e assisti, e os comentários que me chegavam sobre colegas que serviam em outros hospitais que não o meu, incluindo companheiras que vindas de outros estados, uniram-se ao nosso grupo e eu não as conheci no Brasil.

O esforço de todas com que servi, e também comentários que sempre me chegaram através de baixados que foram atendidos por companheiras que serviam em outros hospitais, sempre me emocionaram muito. As companheiras que eu não tive o prazer de com elas trabalhar na Itália, já sentia por elas respeito e profundo orgulho e em pequenas conversas, com os pacientes, sentia sempre o carinho com que eles os próprios atendidos descreviam; o desvelo do atendimento de sua enfermeira. Só eles podiam aquilatar a prestimosidade e a presença da enfermeira brasileira, no seu leito de dor.

Esta foi uma grande recompensa que eu senti. Ouvir falar bem de uma companheira, que embora algumas vezes eu nem a conhecesse. Ouvir elogios que tanto enobreciam a nossa classe, é algo de extraordinário e compensador, para quem partiu com o mesmo ideal.

O saber que em todas as seções hospitalares brasileiras, dentro dos hospitais americanos, eu tinha companheiras competentes, compreensivas e caridosas e que espargiam o seu amor, o seu carinho e espalhando em todos os contos a sua ternura, o seu cuidado com os valorosos irmãos que tão sacrificados se expunham aos maiores perigos, é com efeito gratificante. Muitas vezes, eu me recordo, ao largarmos o serviço, juntas em nossa barraca, voltávamos abatidas, sofridas e cansadas pelo esforço e penalizadas com o que presenciávamos em nossas enfermarias; analisava profundamente o esforço, o sentimento de minhas companheiras e confesso, num olhar de gratidão eu as beijava com o coração.

Fomos numa missão de amor, voluntárias, espalhadas naquele continente tão diferente do nosso. Frio, calor, trabalho, sofrimento curtimos. Tivemos também horas alegres, grandes recuperações, visitas de amigos, recreações, cartas magníficas de nossos entes queridos nos chegavam. Lindas cidades conhecemos em nossas transferências sucessivas de hospital ou em nossas folgas, porém a figurinha dos nossos doentinho marcava a nossa vida e não mais, como eles, esqueceremos os dias tristes da Itália.

O amor fraternal nos unia e o aquecimento das noites frias de vigília, nos chegava ao íntimo. Sobrepujamos todos os revezes de uma guerra. Temperaturas fortes, sofrimentos cruéis dos mutilados, horários longos de trabalho, vigílias, adaptações ao serviço. E com o maior estoicismo, todas vencemos e cumprimos o nosso sublime dever.

Falar sobre o que eu vi, o que assisti, do valor de minhas companheiras, de suas competentes atitudes, transborda de orgulho a minha formação. Assisti sim, verdadeiros anjos tutelares, em cabeceiras de moribundos, de grandes sofredores, se exaurirem com seus cuidados, com sua competência e sacrifício.

Partimos, com um ideal e confirmamos com altivez a nossa atitude. Não vi diferença de atendimento em competência entre enfermeiras americanas e brasileira. Nos hospitais, quando baixavam, os pacientes ocupavam o leito vago, fossem brasileiros, aliados ou inimigos, todos recebiam piedade cristã. Incluo neste depoimento os maravilhosos sargentos enfermeiros. Competentes, cumpridores de suas obrigações, foram auxiliares fora de série do serviço de saúde e cooperaram conosco enfermeiras em alto grau. Nas minhas horas de folga, percorria as enfermarias, a sala de operações, a barraca dos chocados, a triagem e sempre presenciei o atendimento e o interesse dessa plêiade de brasileiros abnegados que constituíram o serviço de saúde (médicos, enfermeiras e sargentos enfermeiros) e tendo por todos o mais profundo respeito.

A todos, o meu carinho. Vi, senti de perto e confirmo o valor de minhas companheiras, abnegadas mulheres, pioneiras oficiais do Exército Brasileiro.

Sinto orgulho de pertencer a este punhado de anjos verde oliva, que muitos cognominaram e que num gesto altruístico, tudo renunciaram para cuidar do soldado brasileiro. Conseguimos entrar na História, com letras de ouro, minhas queridas companheiras enfermeiras da FEB.

Rio 13.XII.2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id 01291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial
(Para a Cap. Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero)

30 – Como sentiu e comemorou a vitória dos aliados em terras italianas?

R: Páginas do meu diário

Término da guerra – Parola – Evacuation Hospital (38th Ev. H.)

Eu estou trabalhando em duas enfermarias. Uma com pacientes americanos. Outra- Misturados-Brasileiros e Alemães.

Despedida dos brasileiros – Agradecimentos, boas palavras foram trocadas e um até breve, no nosso Brasil. Acomodei os meus doentinhos um por um nas ambulâncias e com uma prece pedi ao bom Deus que os acompanhasse até a nossa querida pátria e que suas famílias os recebesse com o carinho que eles todos bem mereciam.

Os pacientes americanos, verdadeiras crianças grandes, já agiam diferente. Só conheciam Rio de Janeiro Ulá lá lá. Café, Carmen Miranda, Presidente Vargas, Samba, Copacabana Beach.

Os alemães pediram que eu aguardasse, pois queriam me prestar uma homenagem. Enquanto eu aguardava, mostraram conhecer muitos detalhes do Rio de Janeiro. Falaram no samba, no café, no Presidente Vargas e citaram nomes de casas comerciais que no momento eram bem conhecidas no Rio: Segadais – Casa Sloper – Confeitaria Colombo. Perguntei se já tinham estado no Rio de Janeiro. Informaram que nas escolas estudaram o guia turístico dos países. Assim a homenagem que me prestaram foi “cantaram uma canção, linda em sonoridade, pois nada intendi, porém tinha um místico de agradecimento e bons desejos. Como era entrada da Primavera apanharam na relva do hospital, flores coloridas, margaridinhas e papoulas e amarraram em cada flor com uma tirinha de papel o seu nome e a palavra escrita em português “Muito obrigado”.

E naquela noite o major Ari Duarte Nunes, nosso chefe em Parola, nos reuniu no Mess, e nos despedimos dos brasileiros e americanos e naquela confraternização amiga trocamos endereços e convites para irmos para a América ou para o Pacífico com eles.

Cremos pois, que a história das enfermeiras não se fará, nem deve ser feita pelas suas próprias bocas, mas pela dos Chefes, dos feridos e de quantos tenham testemunhado o que demos de nós, de nosso amor pelo Brasil e pela causa da liberdade.

O que nos orgulha hoje é a consciência tranquila do nosso dever cumprido, perante a nação, por que a atitude que tomamos, foi não fugir ao perigo no estrangeiro, e a certeza de haver representado dignamente a Mulher Brasileira no Teatro de Operações na Itália.

Rio 13.11.2000
Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Conf. Ref. Id. 08291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

31 – Como foram os preparativos para o retorno para o Brasil?

R : Após cessar o combate os hospitais continuaram lotados, exigindo a continuidade da nossa missão e incluindo em nossa assistência o atendimento a vários prisioneiros alemães.

Terminada a guerra dia 8 de maio de 1945, através de expediente ao Chefe do Serviço de Saúde da FEB, Coronel Emanuel Marques Porto – depois de evacuarmos todos os pacientes – fomos excluídas do estado efetivo da Unidade (20 de maio de 1945) e seguimos destino para o Rio de Janeiro, para apresentação na Diretoria de Saúde.

As companheiras de Livorno e Nápoles já haviam regressado ao Brasil e seis outras ficaram na Itália, adidas ao Deposito do Pessoal e Comando Geral (35th Field Hospital)

Partimos para Livorno (as que estavam servindo em Parola) e na manhã seguinte seguimos para Nápoles, sendo acomodadas no Voltumo Hotel, quando recebemos ordem de comparecer ao Posto Regulador Brasileiro, onde pesamos a nossa bagagem e trocamos o dinheiro, podendo cada uma guardar 500 mil reis, devendo receber o restante no Rio de Janeiro.

De Nápoles, embarcamos todos em quadrimotor que voou com a escala para África, em 06 de junho de 1945. Chegando a Natal, ficamos alojadas na Base Aérea de Parnamirim, aguardando embarque para o Rio de Janeiro. Os doentes que se achavam internados no Hospital Militar de Natal tinham prioridade no retorno. Assim viemos em pequenos grupos com oficiais brasileiros que se encontravam também em transito. Logo no dia imediato a nossa chegada ao Rio de Janeiro, fomos nos apresentando á Diretoria de Saúde, sendo licenciadas do Serviço Ativo do Exército e apresentadas as repartições de origem, áquelas que eram funcionárias antes da convocação.

As demais fizeram uma prova no DASP e foram nomeadas para repartições militares.

No anos de 1957, o Deputado Fernando Ferrari apresentou um projeto e por força de lei, alcançamos a patente de 2º tenente, recebemos os proventos atrasados desde o arvoreamento até a desconvoção e fomos convocadas para o serviço ativo do Exército, no posto de 2ª Tenente, e promovidas a 1º Tenente.

Quando passamos para a reserva com interstício do serviço fomos promovidas á capitão. Em virtude da lei Castello Branco, não tinha^{am} interstício na época da passagem para a reserva, reformou^{am}-se como 1º Tenente, percebendo como capitão. Outras por terem atingidos o limite de idade para permanência na ativa e outras por incapacidade física.

Quatro companheiras foram consideradas incapazes e passaram para a reserva no posto de major:

Wanda Ferreira Majervaski

Elza Ferreira Vianna

Maria Conceição Suarez

Elza Cansanção Medeiros

O acesso de bagagem que entregamos no Poste Regulador de Nápoles, e que deveríamos receber no Brasil, não recebemos.

Depois de intensas procuras soubemos que chegaram ao Brasil, Rio de Janeiro e entregues no Hospital Central do Exército.

Nada recebemos entãto. Foi pois um desrespeito à Enfermeira da FEB que se viu assim, dentro de sua Pátria, desrespeitadas e não receber a sua bagagem.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 2.000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id-01291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero)

32 – Como foi recebida a FEB após o seu regresso ao Brasil, em termos de homenagens pelas glórias obtidas, divulgação de seus feitos e dos conhecimentos adquiridos em campanha, principalmente no seio do Exército?

R: A FEB desembarcou no Rio, depois de um longo período de combates na Itália.

O navio General Meyghs atracou com os pracinhas que foram recebidos pelo presidente Getulio Vargas.

Em seguida, os heróis nacionais desfilaram pelas principais ruas do centro.

Foram saudados por uma multidão, que desde cedo os esperava com bandeiras.

O povo vibrou emocionado.

Assisti a chegada de nossa tropa. Fui aplaudi-los.

Nos enfermeiras não tivemos ordem para desfilar. O desfile foi programado para a tropa que chegava de navio

Festas foram programadas e tudo terminou com o regresso ao seio das famílias saudosas, e assim foi o retorno à pátria querida.

Nós enfermeiras, voltamos a nossa antiga repartição, isto as que anteriormente ao apresentarem-se voluntariamente eram funcionarias, as que na ocasião, não exerciam funções em repartições, o exército, depois de uma pequena prova no DASP, nomeou-as para os hospitais militares e policlínicas.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 2000
Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Enf. Ref. Id. 01 291554-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

33 – Na sua opinião, quais as conseqüências para o Exército da participação do mesmo no conflito?

R: Na minha opinião, o Exército se tornou engrandecido; pois se projetou brilhante aos olhos dos países sul americanos, marcando assim o marco glorioso de uma trajetória brasileira e estrangeira, demonstrou uma firmeza de seu valor militar, uma grande superioridade de ação.

Acho que foi uma evolução que sofreu e adquiriu grande confiança no seu poder bélico. Moralmente falando, projetou suas qualidades, e se colocou em posição de ser admirado, pelos países que lutaram para um mundo melhor, e também para países que não tomaram parte na glória, adquirindo prática e evoluindo bastante.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id - 01291534-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

34 – Quais as conseqüências na sua vida pessoal?

R: Não tive conseqüências na minha vida pessoal, pois voltei ao meu lar, continuei a minha vidinha e sempre prestigiada pela minha família e pelos amigos. Assim também nas repartições civis em que servi.

Fiz concurso publico, quando este foi aberto, na própria Prefeitura do Distrito Federal para o cargo de escrituraria classe G, pois o cargo que eu ocupava de "Prático de Laboratório Classe E, foi instinto e assim ficaria marcando passo sem promoção.

Passei no Concurso e ocupei este cargo até 20 de Setembro do ano de 1957, por motivo quando passei para o serviço ativo sendo convocado para o exército, pedi então demissão do meu cargo civil, e assumi a minha carreira militar como 2º Ten. Enf. no termo da lei nº 3.160 de 01.07.1957 (D.O de 18.09. 57) Bol. Int. nº 215

Pro de guerra, 13 de dezembro de 2000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id-01291524-04

Perguntas acerca do projeto história oral do exército
Na 2ª Guerra Mundial

(Para a Cap. Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero)

35 – Que mensagem final a Sra. Gostaria de registrar nesse seu importante depoimento sobre a história de nossa FEB?

R: E foi assim que nós as primeiras oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército (Força Expedicionária Brasileira) tivemos a oportunidade, a honra e o privilegio de cuidar dos valorosos heróis na 2ª Guerra Mundial, minorando seus sofrimentos e também de como mulheres sentímos o orgulho de estar presente neste conflito mundial, trazendo para a nossa Pátria, dias melhores de serem vividos.

Bombardeios, enchentes, neve, degelo, incêndio, explosões de terrenos minados, vigílias, angustia, tudo experimentamos nesta guerra. Porém conseguimos retornar a nossa terra, com a consciência tranqüila do “dever cumprido”.

O nosso ânimo no Teatro de Operações era tanto que o fortalecimento de espirito vibrava ao nos entregar a tão nobre causa. “O PODER CUIDAR DOS BRAVOS HERÓIS”. Sentíamos como se fossemos as suas verdadeiras mãezinhas.

A nossa missão na guerra foi cumprida, pois para nós, foi um verdadeiro sacerdócio, uma devoção.

O nosso esforço perfeitamente compensado, quando a recuperação de nosso baixado se esboçava, e assim no intimo, sentíamos a utilidade de nossa presença

Fomos, vencemos e cumprimos o nosso dever. E hoje, na paz, nos orgulhamos de ter ido e de sermos atualmente as primeiras OFICIAIS ENFERMEIRAS pertencentes ao Exército Brasileiro.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2.000
Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero
Capitão Emf. Ref. Id. 01291554-04